

# Um ensaio sobre o não-saber como elemento do modelo estético de psicanálise

Júlio César Kunz<sup>1</sup>

*“Antigamente quando eu me excedia  
Ou fazia alguma coisa errada  
Naturalmente minha mãe dizia:  
‘Ele é uma criança, não entende nada’  
Por dentro eu ria  
Satisfeito e mudo  
Eu era um homem  
E entendia tudo...”*

*Hoje só com meus problemas  
Leio muito, mas eu não me iludo  
Sempre me dizem quando fico sério:  
‘Ele é um homem e entende tudo’  
Por dentro com  
A alma atarantada  
Sou uma criança  
Não entendo nada”*

(Erasmu Carlos)

## 1 POR ONDE TUDO INICIA?

*“Sou um experimentador no sentido em que  
escrevo para mudar a mim mesmo e não mais  
pensar na mesma coisa de antes.”*

(Michel Foucault)

---

<sup>1</sup> Psicanalista em formação, membro provisório do CEPdePA/Serra

*“Um intelectual é um homem que diz uma coisa simples de maneira difícil, um artista é um homem que diz uma coisa difícil de maneira simples.”*

(Charles Bukowski)

*“El hombre, dicen, es un animal racional. No sé por qué no se haya dicho que es un animal afectivo o sentimental. [...] Más veces he visto razonar a un gato que no reír o llorar.”*

(Miguel de Unamuno)

Um processo analítico (uma formação ou uma teoria) tem o seu início regido pela indecidibilidade da origem: de onde vêm o analisando e o analista para se encontrarem naquele momento e naquele lugar; de onde vêm o candidato a analista, seu analista, seu supervisor e a instituição; de onde vem o teórico e seu acúmulo de experiências; de onde vêm as falas e atuações dos analisandos e dos analistas. Menos ainda sabe-se aonde vão. Talvez seja assim também que se comece um ensaio teórico sobre psicanálise. É claro que o texto tem certos objetivos (como um novo analisando, um candidato a psicanalista ou um pretendo autor também os têm), mas não se pode precisar a origem do texto. Interessa-me menos aqui provar essa hipótese, mas exercitar as consequências disso, como, por exemplo, iniciar por uma parte pouco estudada de um texto não psicanalítico.<sup>2</sup>

No início de *O banquete*, de Platão (2009a), a personagem Apolodoro começa a narrar a história de certo simpósio<sup>3</sup> sobre amor, do qual não teria participado, mas teria ouvido de Aristodemo. Este en-

2 O objetivo do ensaio não é propor uma discussão teórica sobre as aproximações e diferenças entre filosofia e psicanálise, mas considero como dado o que Bion em a teoria do pensar que a psicanálise é uma “[...] resposta prática para questões filosóficas (ou seja, questões da vida)” (CHUSTER; SOARES; TACHTENBERG, 2014, p. 37).

3 A tradução mais comum para o texto de Platão é banquete, o que pode nos remeter a uma ideia diferente do que entendo por simpósio (syn - junto, posium - beber), que traz a ideia de estar junto e compartilhar numa troca fértil não apenas a comida e a bebida, mas uma experiência compartilhada de troca de ideias.

contrara Sócrates por acaso, a caminho do simpósio que ocorreria na casa de Agatão. O filósofo o incita a ir ao evento mesmo sem ter sido convidado. “Aos banquetes de Agatão, os bons vão por sua própria vontade.” (PLATÃO, 2009a, p. 837, tradução nossa) A que Aristodemo responde “[...] ir sem ser convidado, eu que sou de pouco valor, ao banquete de alguém de muito valor?” (PLATÃO, 2009a, p. 837, tradução nossa). Uma pergunta que ressoa também durante a formação analítica, desde a decisão de se candidatar a membro da instituição, e tenta-se respondê-la de diferentes maneiras, especialmente durante a supervisão. Sem se inquietar, Sócrates replica: “Andemos juntos, nós dois, ao longo da estrada, depois decidimos o que dizer. Por enquanto, apenas andemos [...]” (PLATÃO, 2009a, p. 839, tradução nossa). O fazer analítico em seus diferentes aspectos encontra analogia também na postura de Sócrates, que fica para trás, perdido em seus pensamentos, deixando Aristodemo chegar à casa de Agatão sozinho, onde encontra a porta aberta e boas vindas. Também o analista em formação precisa ficar perdido em seus pensamentos até que algo lhe faça sentido acerca de seus analisandos e de seus pensamentos teórico-clínicos, e precisa encontrar uma tolerância institucional (em seminários e em supervisão), para desenvolver sua capacidade analítica.

Os analisandos, assim como o analista em formação, talvez sintam a mesma angústia de Aristodemo ao terem de entrar com seus próprios pés no Banquete da vida sem terem sido convidados e, ao procurarem um consultório de psicanálise, no lugar de encontrarem alguém que saiba tudo sobre o caminho a aconselhá-lo, deparam-se com alguém perdido em seus próprios pensamentos, sempre alguns passos para trás, que não parece se inquietar com isso. Por trás da aparência, podemos nos perguntar também quão angustiante seria para o filósofo grego não saber o que poderia acontecer no evento promovido por Agatão, sem saber os passos de seu discípulo.

Talvez seja difícil conjecturarmos sobre as vulnerabilidades de um velho sábio ou de um psicanalista experiente, mas não tanto de um

jovem filósofo<sup>4</sup> ou de um psicanalista em formação, que, ao tentar alcançar na sessão um estado mental sem desejo, sem memória e sem necessidade de compreensão, depara-se justamente com suas fragilidades e com a solidão do fazer psicanalítico. “A sua tendência é recorrer à memória e ao entendimento para satisfazer seu desejo de segurança” (BION, 2019, p. 63). Tal segurança, por vezes, é ilusoriamente encontrada na “*fidelidade teórica grupal*”, o problema é que esse refúgio teórico cria “[...] uma *opacidade* ao fenômeno que devemos investigar no *presente* da sessão” (CHUSTER; SOARES; TACHTENBERG, 2014, p. 72).

Ana Maria é uma mulher bonita, com cerca de 45 anos, mãe de três filhos, e aparenta ser muito mais jovem, o que leva a ser abordada por diferentes homens em muitas situações, porém isso não condiz com sua autoimagem. Se vê velha, feia e com uma sensação de fazer tudo errado, especialmente depois de um relacionamento erótico extremamente abusivo com o pai de um de seus filhos. Em certo momento da análise, a sua preocupação é com o atraso no desenvolvimento do caçula, apontado pela instituição escolar. A sua culpa entra em cena na (falta de) triangulação edípica, na sua autocompreensão como mulher (ou não) e nos ataques à psicanálise. Neste momento, em minha mente a teoria freudiana clama por ser enunciada, mas ao mesmo tempo penso “disso ela já sabe”. Mantenho desconfortavelmente o silêncio, aumentando minha angústia, e me desconectando de sua fala. “Volto” à sessão quando ela me diz “eu li Freud e Lacan sobre esse assunto, entendo o que eles querem dizer sobre a função paterna”.

4 Filosofia: amigão da sabedoria, aquele que busca o conhecimento sem jamais alcançá-lo por completo.

Ana Maria volta a um aspecto incômodo de si mesma ao trazer seu filho mais novo como personagem do campo, contrastando com suas palavras quando diz que está velha demais, apresenta-se uma criança que não conseguiu crescer o suficiente para falar a língua dos adultos e por isso submete-se nos relacionamentos, inclusive na transferência. Uma interpretação tal qual me ocorrera seria a repetição de um abuso e não o acolhimento de que precisa para poder se desenvolver e dar conta do desamparo e da ignorância diante da vida. Segundo Chuster, Soares e Tachtenberg, (2014), é possível que possamos propor no máximo o seguinte modelo: o analista tem como ponto de partida suas observações: de um lado, **conjecturas imaginativas**, provenientes de **intuição psicanalítica** e, de outro lado, as **conjecturas racionais** provenientes de **conceitos vazios (Mitos e Teorias psicanalíticas)**. O casamento da atividade da intuição psicanalítica com o conceito vazio pode formar um pensamento psicanalítico. A angústia que senti na sessão da vinheta acima foi crescente e chegou muito próxima do nível que eu poderia tolerar. A intervenção interpretativa que me ocorreu não poderia surtir efeito na analisanda, nem contribuiria para o andamento do trabalho analítico, seria uma enunciação vazia (e abusiva) por ser uma mera aplicação da teoria, com o único possível impacto na redução de minha própria angústia e um prazer narcísico ao exibir meu conhecimento - conhecimento evidentemente compartilhado pela analisanda, por sua confirmação na sequência da sessão.

Uma das tentativas de aplacar a angústia gerada pela pergunta “eu ir ao banquete de alguém de muito valor, eu que sou de pouco valor?” talvez seja reformulá-la em termos de conhecimento: “o que eu faço com as teorias que leio nos livros e discuto nos seminários?”. O que me parece mais uma pergunta encobridora, reveladora da angústia do analista. Bion (2014, p. 132, tradução nossa) formula a pergunta da seguinte maneira “E se o conjunto da psicanálise se mostrasse uma vasta elaboração de uma paramnésia, algo destinado a preencher a

lacuna – a lacuna de nossa assustadora ignorância?”. Ou seja, a pergunta primária seria: o que fazer com tudo que **desconhecemos**?

## 2 SOBRE O ENCONTRO ANALÍTICO

*“O Dao é Vazio, mas sua eficácia não se esvai.  
Abismo ancestral de todos os seres!  
Abranda o afiado, desenlaça os nós. Une-se com  
a luz, funde-se com o pó. Profunda existência!  
Não sei de quem é filho.  
Parece anterior ao divino ancestral!”*

(Laozi)

*“Bem no início, o Abismo nasceu”*

(Hesíodo)

O espaço abissal e turbulento que se forma entre analista e analisando clama vorazmente por ser preenchido, provocando angústia em ambos, dando origem a diferentes reações. As reações do analisando chamamos de resistências, projeções ou outra coisa dentro do quadro transferencial que Bion nos ajuda a compreender como tentativas de comunicação, que podem ser mais ou menos arcaicas. Esse arcaico é misterioso e insondável, “[...] o mundo inconsciente nos é dado como enigmático e ininteligível” (CHUSTER; SOARES; TACHTENBERG, 2014, p. 50). Contudo, não quer dizer que seja completamente inacessível, “Existe muito mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos faz crer” (FREUD 1926, p. 230, tradução nossa). Essa impressionante turbulência promove as reações contratransferenciais do analista, abrindo a possibilidade, se não do conhecimento, da intuição por parte do analista para que se possa construir algo no campo. Todas as emoções despertadas, imagens criadas na tentativa de dar alguma forma a tais emoções são

conteúdos de difícil metabolização, por isso exigem um espaço de contenção particular/diferente.

Para que o analisando encontre um espaço de contenção no analista, este precisa ter a sua capacidade negativa<sup>5</sup> muito bem trabalhada, a fim de dar conta dos conteúdos nele depositados, para que os possa metabolizar. As teorizações feitas pelo analista caso a caso são parte de seu modelo de metabolização dos elementos beta projetados pelo paciente no campo, e parece ser disso que se trata o apoio teórico construído ao longo da formação. Porém, se nos concentrarmos unicamente na capacidade de processar esses metabólitos (escuta, intuição, conjectura imaginativa, conjectura racional, intervenção/comunicação), seria reduzir o ato analítico exclusivamente à capacidade positiva (à de positivar a interpretação, comunicação, construção, em suma, enunciados de um analista durante uma sessão). É preciso levar em conta o que atua numa outra dimensão, perpassando todos os passos do ato analítico, uma espécie de *buffer* que junta duas funções: (a) de amortecer o impacto das projeções do analisando no campo e (b) de armazená-los em relativa segurança, aguardando o tempo necessário para a sua metabolização - seja por parte do analista, seja por parte do paciente.

Na tarefa interpretativa clássica (trazer o inconsciente ao consciente), o analista trabalha fundamentalmente com a sua capacidade de processamento (função alfa) para elaborar **no lugar do paciente** os elementos trazidos ao campo. De forma que sua capacidade negativa é subutilizada, por lidar apenas com o que é “conhecido” em sua grade teórica, aguardando o seu tempo de elaboração, até o momento em que estejam suficientemente digeridos. O objetivo seria entregar apenas o que o aparelho do paciente pode dar conta e, assim, reduzir sua ansiedade pela resolução possível do conflito emergido no campo.

5 “Capacidade Negativa, isto é, quando um homem é capaz de existir com incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer tentativa impaciente de alcançar fato e razão.” (KEATS *apud* BION, 2019, p. 131).

Dessa maneira, mantém-se um tipo de assimetria na relação analítica que poderia ser mais bem definida como uma relação hierárquica ou, como chamaria Jacques Rancière (2020), uma relação com um mestre sábio que só pode conduzir ao embrutecimento do analisando.

Por outro lado, trabalhando a sua capacidade negativa de maneira mais virtuosa, um dos objetivos da análise passa a ser o de aumentar a capacidade negativa tanto do analisando quanto do próprio analista (sempre através de encontros espontâneos/ turbulência emocional/ transformações em O). Ou seja, tanto analista quanto analisando aumentam a sua capacidade de tolerar meias verdades e, mais que isso, para o analista seguir “[...] tolerando que ele [o analisando] seja incapaz de tolerar” (BION, 2017, p. 132) - tal qual experimentei na vinheta de Ana Maria. Assim, a assimetria da relação analítica é mantida para que o analisando possa desenvolver a sua capacidade de lidar com o não-saber - introjetando a capacidade analítica de seu analista. Como consequência, amplia-se a função alfa de ambos, permitindo que o sonho cumpra a sua função (ao contrário da velha máxima de Freud) de tornar o consciente inconsciente.

O modelo de pensamento que o psicanalista precisa adotar para tanto deve ter algo como uma “capacidade negativa da teoria”, que, na prática clínica, aparecerá como a teorização flutuante recomendada por Piera Aulagnier. Ou seja, uma teoria que tolere a parte da experiência emocional (do próprio analista) que a própria teoria não dá conta, sendo apenas um apoio para a capacidade de sustentar o seu lugar no campo, continente das personagens e projeções da dupla. Levando ao limite, estaríamos autorizados a pensar que o ato analítico não estaria restrito à origem do nome de psicanálise (quebrar em partes a mente), mas em criar um espaço de tolerância para que as partes cindidas ou não integradas do *self* do paciente apareçam em meio à complexidade do caos do encontro. De sorte que os conteúdos possam ser contidos até que encontrem, entre as mentes do analista e analisando, uma capacidade de integrá-las.



### 3 PENSANDO O ENCONTRO (TRIÂNGULOS EXISTEM?)

*“[...] não estou interessado em nenhuma teoria em nenhuma fantasia, nem em romances astrais a minha alucinação é suportar o dia a dia o meu delírio é experiência com coisas reais”*

(Belchior)

*“[Psicanálise] é um termo usado quando desejamos ‘falar sobre isso’, mas que não diz o que ‘isso’ é.”*

(Wilfred Bion)

O encontro analítico apresenta-se como “[...] **uma série de episódios discretos<sup>6</sup> onde não há um padrão visível**” (BION, 2017, p. 133, grifo nosso). Poderíamos fazer uma tentativa de colocar essa experiência em imagens, como a brincadeira de ligar os pontos para formar um desenho. Talvez num modelo de pensamento psicanalítico clássico, poderíamos entender as manifestações de sintomas, angústia e inibições como pontos que já teriam por trás de si uma figura psicopatológica qualquer, como, por exemplo, histeria, neurose obsessiva ou perversão. Caberia, neste caso, ao analista sábio procurar em seu modelo a forma correta de correlacionar os fatos da sessão, entendendo que, na verdade, os episódios estariam já relacionados no Icc do paciente e que o seu trabalho seria o de interpretá-los, trazendo-os à consciência.

Compreender a descontinuidade dos eventos apresentados, no entanto, “é difícil de sustentar, requer uma capacidade negativa, caso contrário o analista poderia se apressar em achar uma interpretação para sair do dilema de tolerar mistérios, meias verdades e assim por

---

<sup>6</sup> Uso de linguagem matemática por parte de Bion. Aqui, “discretos” diz respeito a eventos que se apresentam sem qualquer relação uns com os outros, podemos entender como “descontínuos”. Da maneira como entendemos, a função alfa cumpriria justamente o papel análogo de uma função matemática que pretende estabelecer as correlações entre os eventos.

diante” (BION, 2019, p. 133). Por isso, em *Uma teoria sobre o pensar*, Bion (1994a) propõe um modelo de compreensão da mente que se relaciona com os fenômenos da sessão analítica como uma forma geométrica se relaciona com desenhos numa folha de papel. Platão dizia que as formas geométricas existem no mundo das ideias e que o mundo não passa de meras cópias. Inversamente, estamos mais inclinados a comparar o que existe no mundo com desenhos a partir dos quais criamos formas ideais e assim poderemos pensar esse mundo que se apresenta diante de nós.

As tentativas de classificações, nomeações psicopatológicas podem ajudar a pensar, mas não podemos perder de vista que “Todo conceito nasce por igualação do não-igual.” (NIETZSCHE, 2008, p. 35). Bion parece justamente nos propor que repensemos o lugar da psicanálise no pensamento, deixando a metafísica de fora. Triângulos (ou histeria, ou neurose obsessiva, ou perversão) não existem, só há desenhos que se apresentam diante de nós (ou episódios numa sessão de psicanálise). Afinal, quando tratamos do que acontece no consultório (ou na tela do celular, ou na praça), onde “lutam seres humanos e não forças naturais” (BAKHTIN, 2007, p. 80), temos o dever ético de “reconhecer o que está[mos] enfrentando e poder **reconhecer o paciente, porque não estamos falando de uma abstração - usando termos abstratos ou não [...]**.” (BION, 2020, p. 134). Para aplacar a angústia provocada pela falta de significados que as coisas têm por si só, teorizamos.

Um psicanalista vai de um polo a outro entre pensar os princípios de seu modelo de compreensão do psiquismo e a sua postura na prática clínica. Enquanto pensa seu modelo, comporta-se como um intelectual a complexificar as suas compreensões a fim de dar conta não de seus pacientes ou para teorizar leis que possam prever comportamentos humanos universais, mas para dar conta de si mesmo e ampliar o seu aparelho psíquico de uma maneira muito peculiar através da atividade intelectual, com o intuito de suportar as próprias emoções ativadas pelos seus pacientes, roteirizando as suas personagens internas. Para isso,

costura um modelo mais ou menos elástico, articulando princípios vivos e mutantes, que o permitem entrar em contato com outras mentes, aumentando gradualmente a sua capacidade de tolerar a inauguração de novos momentos, no ineditismo de cada encontro, minimizando a contaminação dos detritos de suas próprias vivências.

Já na vivência emocional da sessão, a postura é mais bem a do artista, quando as teorias introjetadas sofrem o movimento oposto: de simplificação, de afastamento da intelectualização, de exercício da linguagem cotidiana, de maneira poética, a fim de criar um espaço que permita vivências emocionais em toda intensidade do momento. Adaptando e flexibilizando as relações entre as emoções que surgem no campo. Permitindo a “falha” e co-construindo com o analisando novas articulações entre as experiências aí vividas. Finalmente, permitindo que o novo sempre possa surgir. Essa postura poética paradoxalmente não busca a beleza, mas a verdade do encontro<sup>7</sup>. Como “qualquer reivindicação, qualquer expectativa carrega dentro o perigo de destruir a verdade, apesar de podê-la embelezar” (FREUD *apud* BION, 2019, p. 130). Essa postura criativa deve ser sempre sem desejo, sem memória e sem necessidade de compreensão.

#### 4 PSICANÁLISE NA CORRENTE CÉTICA

*“O Ser não existe.  
Se existisse, não poderia ser cognoscível.  
Ainda que fosse pensável, o Ser permaneceria  
inexprimível.”*

(atribuído a Górgias de Leontinos)

Freud (1933 [1932], p. 168, tradução nossa) diz que a psicanálise “não é capaz de criar uma *weltanschauung* (cosmovisão)”, porém baseia-se em uma. Ao procurar fazer da psicanálise uma ciência, Freud

<sup>7</sup> Ao longo do ensaio, refletimos de diferentes maneiras sobre a polissemia da palavra verdade.

estava imerso no modelo positivista e, ainda que não expresse assim, o modelo científico pretende-se capaz de fornecer todas as respostas. Poderíamos pensar que diferentes correntes psicanalíticas divergem entre si por partirem não apenas de diferentes pressupostos psicanalíticos, mas também de diferentes concepções do que é ciência e, no limite, de diferentes cosmovisões. Ao aproximarmos Bion de Nietzsche, poderíamos nos arriscar a pensar na psicanálise como parte de uma visão de mundo cética, num sentido epistemológico. A corrente cética epistemológica defende por diferentes razões que o conhecimento<sup>8</sup> não é possível, seja pela impossibilidade de se verificar a verdade de uma proposição qualquer, seja apontando falhas nas justificações ou questionando a própria realidade. Se tomarmos, por exemplo, o Icc como objeto de um estudo, todas essas questões podem ser lançadas - inclusive por Popper, quando classifica a psicanálise como pseudociência, já que o método psicanalítico não seria falseável, mas como a realidade interna pode ser falseável?. Proponho que pensemos de maneira ainda mais dura e radical que a do teórico da ciência, tomando de empréstimo a ideia nietzschiana de que não há a coisa em si enquanto objeto puro a ser conhecido.

O filósofo alemão faz uma crítica frontal a Kant (2007), que supõe a coisa-em-si como a fronteira epistemológica do conhecimento humano. Em *Crítica da razão pura*, é traçada o confim do conhecimento *a posteriori*, ou seja, advindo da experiência fenomênica, de tal sorte que os objetos apresentam-se como uma construção da inteligência humana a partir dos fenômenos, por assim dizer, emanados da coisa-em-si, sem que pudéssemos jamais ter acesso a ela. A crítica

8 Refiro-me aqui à definição de conhecimento da corrente epistemológica analítica que o concebe estritamente como uma crença verdadeira e justificada racionalmente a respeito do mundo externo, que nada tem a ver com a concepção bioniana de conhecimento (knowledge, K link), que mais tem a ver com vínculos, relações e com uma realidade interna, de acordo com Civitarese (2008, p. 1125, tradução nossa), “[...] verdade entendida não como conhecimento absoluto, mas como uma certeza subjetiva.” De acordo com Bion (*apud* LOPES-CORVO, 2003, p.103, tradução nossa), “[...] este termo não supõe a existência da coisa em si [...]”, como os epistemólogos assumem em sua definição de verdade.

de Nietzsche é contra essa tentativa kantiana de salvar a metafísica (e a teologia, com a qual se confunde a partir do cristianismo), num sistema bem organizado de mundo que se camuflaria por trás das percepções humanas nas coisas-em-si. Se são apenas os fenômenos o que temos (ainda que se apresentem como um absoluto, como diz Sartre (1997) - não há verdade, nem mesmo fatos, mas tão somente interpretações (NIETZSCHE, 2008) e as versões são justamente as teorizações que fazemos acerca de um mundo que se apresenta em eventos discretos, não necessariamente correlacionados ou advindos de um mesmo objeto verdadeiro.

As bases positivistas sobre as quais Freud erige as suas teorizações tomam qualquer objeto, inclusive o Icc, que se revela, se quisermos colocar assim, de uma maneira mais indireta que os fatos biológicos de um organismo, através de sonhos, chistes, atos falhos etc. Não há ruptura com o racionalismo, mas uma expansão da racionalidade para dar conta de fenômenos antes desprezados. No entanto, o próprio Freud (1900) nos alerta, que as teorizações sobre estruturas do aparelho psíquico são como andaimes que podem nos ajudar a compreender uma construção, mas não devem ser confundidas com a própria construção, ou seja, seria um equívoco confundir a teoria com o próprio objeto de estudo, afinal, “[...] nenhuma teoria pode jamais pretender ser maior que o inconsciente.” (CHUSTER; SOARES; TACHTENBERG, 2014, p. 51)

Colocar a psicanálise na corrente cética pode soar herético e gerar muita angústia, já que o ceticismo epistemológico nega a possibilidade do conhecimento. Mas refaçamos o exercício cartesiano de imaginar um “[...] gênio maligno e, ao mesmo tempo, sumamente poderoso e manhoso, que põe toda a sua indústria em que [nos] engane” (DESCARTES, 2004, p. 31). O experimento mental foi atualizado por Gilbert Harman, imaginando que eu pudesse ser um cérebro num pote, controlado por um cientista maluco, ideia que aparece também no cinema na trilogia Matrix. Seja um gênio maligno, um cientista ma-

luco ou máquinas superinteligentes nos controlando, pouco muda em termos epistemológicos: não conseguimos provar que não seja assim através de nossos sentidos e daí advém um dos mais fortes argumentos céticos contra conhecimento. Vale, no entanto, destacar que esse argumento não defende que todo o sistema de crença seja falso, mas que todas essas crenças que supomos conhecer **podem ser falsas** e , por isso, de acordo com Feldman (2003, p. 114, tradução nossa), “[...] não estamos suficientemente bem justificados em nossas crenças para termos conhecimento.” Não desenvolveremos aqui todas as consequências neste experimento mental, apenas reteremos a ideia de Descartes (2004) de que a única coisa de que não se pode duvidar é de se estar duvidando (*dubito, ergo sum*), dado que não se pode duvidar sem pensar, como consequência *cogito, ergo sum*. Não me pareceria uma transposição tão forçada para a psicanálise entender como resultado disso que a realidade interna é a única que podemos conhecer.

Uma rica reflexão a este respeito é feita por Civitarese (2008), num artigo em que tenta mostrar aproximações e distanciamentos do pensamento bioniano em comparação com o cartesiano (ou, se quisermos, as cesuras entre ambos). De acordo com o psicanalista italiano, Bion faz diversas referências ao filósofo francês e teria inclusive objetivos parecidos em suas investigações a respeito do pensar. No entanto, Green (*apud* CIVITARESE, 2008) afirma que o ideal inicial do psicanalista britânico de buscar ideias precisas foi frustrado ao longo de seu trabalho, mudando o desenvolvimento de seu pensamento. Os vínculos K são mais voltados ao desconhecido que ao conhecido, e, se os pensamentos forem desprovidos de emoções, trata-se de pensamentos cindidos, sem vitalidade, presos à concretude do mundo. Assim, Bion amplia o “penso, logo existo” cartesiano para “[...] mentalizo, logo existo [...]” (CIVITARESE, 2008, p. 1127, tradução nossa), em outras palavras, o uso do aparelho de pensar é a garantia da existência - evidentemente, um uso completo do aparelho envolve as emoções e as relações com outras mentes, o que permite o encontro

analítico. É na relação que **se intui o mundo como verdadeiro**, na fé que as emoções emanem de O (CIVITARESE, 2008).

Esse ato de fé necessário ao fazer psicanalítico, bem como as conclusões a que se pode chegar a partir das premissas desse ceticismo, pode nos levar a um recurso como o de Descartes, qual seja, basear a credibilidade das evidências racionais numa espécie de fagulha divina que habitaria todos os seres humanos. Uma solução não muito distante de Agostinho de Hipona, que, ao tentar sistematizar o aspecto trinitário da divindade, colocando-o para além das possibilidades de compreensão humana, propõe como resposta a fé acompanhada da contemplação desse mistério. Em termos de método, na leitura que faço de Bion estou inclinado a pensar que não há tanta diferença assim - a proximidade da psicanálise com as religiões e o misticismo é muito clara no texto Sobre uma cosmovisão de Freud (1933[1932]), no qual discorre longamente sobre a cosmovisão religiosa, tentando estabelecer fronteiras inequívocas entre as duas (se não fossem próximas, não haveria necessidade de diferenciá-las). Antonino Ferro (2007) alerta justamente para o risco, entre outros, de que essa ousadia do pensamento bioniano rumo ao desconhecido pode conduzir a uma derivação mística, na qual poderia haver um vale-tudo ou um relativismo absoluto (CIVITARESE, 2008) - o que, penso, seria um mau uso do modelo, levando a uma contemplação mais que ascética e impotente das eclosões emocionais durante a sessão, impedindo as transformações no campo.

Cabe dizer, contudo, que toda essa compreensão intelectual começa muito antes, quando Freud (1897) abandona a teoria da sedução, lamentando-se de que não podia mais acreditar em sua neurótica. O desenvolvimento teórico psicanalítico a partir de então passa a ser calcado não mais na busca das verdades históricas, factuais das vidas de seus pacientes, mas justamente de sua realidade interna. Um passo além é dado ao se pensar e conceitualizar a contratransferência, que abre também as possibilidades de se conceber o campo analítico, per-

mitindo-nos trabalhar mais integralmente as experiências emocionais do próprio analista. Dito de outra maneira, se parecer um exagero situar a psicanálise na corrente de pensamento cético, pode-se ao menos dizer que suavemente admite as argumentações contra a possibilidade do conhecimento ao redefini-lo, direcionando-o ao mundo interno e das relações emocionais<sup>9</sup>, admitindo que nossos sentidos podem ser enganadores, mas sabendo que isso não faz a menor diferença, afinal o conhecimento psicanalítico centra-se nas elaborações emocionais provocadas nos analisandos e analistas.

## **5 SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE SE SABER OU A TEORIA ENTRE BRUXAS E FANTASIAS**

*“Viver é mais importante que pensar sobre a vida. É uma forma de delírio absoluto, entende?”*  
(Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle  
Fernandes)

*“En brujas, yo no las creo, pero que las hay, las hay!”*  
(Dito popular)

*“Que importa minha razão! Anda atrás do saber como o leão atrás do alimento. A minha razão é pobreza, imundície e conformidade lastimosa!”*  
(Friedrich Nietzsche)

*“La natura è piena d’infinite ragioni che non furono mai in esperienza”*  
(Leonardo da Vinci)

---

<sup>9</sup> “O que o paciente sente, em minha visão, é o mais próximo a um fato, como habitualmente o entendo, que tal paciente possa experimentar. A mesma coisa aplica-se a mim mesmo.” (BION, 2017, p. 19)



“Entonces es preciso que intervenga una bruja.’  
La bruja metapsicología, quiero decir. Sin una  
especulación y um teorizar metapsicológico - **a  
punto estube de decir fantasear** - no se da um  
solo passo adelante.”

(Sigmund Freud)

Em *Análise terminável e interminável*, Freud (1937) aproxima a teorização metapsicológica à especulação e ao fantasiar, concordando com uma das proposições que assumimos neste ensaio de que o inconsciente é insondável, não havendo possibilidade, portanto, de observar diretamente ou comprovar de maneira análoga às ciências naturais as teorias, e menos ainda de se estabelecer leis universais. Seguindo, como procurei demonstrar, a ideia de que a psicanálise pode ser compreendida dentro da corrente de pensamento cética, tento agora refletir em torno da pergunta sobre o que se fazer a partir da impossibilidade do conhecimento epistemológico e sobre qual seria o papel das teorias. Acredito não serem perguntas originais, uma vez que poderiam mesmo ser entendidas como reformulações da questão: “Pode uma teoria ser aplicada para transpor o hiato entre as concepções analíticas e os fatos como eles emergem na sessão?” (BION *apud* CHUSTER; SOARES; TACHTENBERG, 2014, p. 90).

Passamos pelo ponto mais nebuloso deste ensaio, que não pretende oferecer qualquer resposta às questões postas, mas simplesmente organizar algumas reflexões a respeito da teoria psicanalítica. A palavra teoria<sup>10</sup> vem do grego θεωρία (contemplação, reflexão, introspecção, que, por sua vez, vem θεωρέω (olho, observo). A sua etimologia tem a mesma base da palavra teatro, num conceito amplamente utilizado na filosofia: θαῦμα (transliterado *thâuma*), que significa visão e compreendido também como espanto provocado pelo que se vê. Platão (2009b) afirma que a filosofia não tem outra origem que não seja

<sup>10</sup> TEORIA. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria>. Acesso em: 10 jan. 2021.

o espanto; Aristóteles (2005) vai mais além ao dizer que esse espanto provoca uma sensação de ignorância que leva à busca pelo conhecimento<sup>11</sup>. Teorizar é, portanto, construir uma forma de ver que implica o observador. Uma construção que inclui concepções de ciências clássicas, mais restritas, mas que não se restringe a isso. O exercício de teorizar é também um exercício criativo. A criatividade teórica, entretanto, não se confunde totalmente com aquela do artista, que cria seu próprio mundo, porque, como diz o poema de Ferreira Gullar, “a vida não basta”. As teorias psicanalíticas, como respostas práticas às questões filosóficas, precisam estar intimamente ligadas à vida e às vivências do campo, tolerando a impossibilidade de se saber o que acontece com o analisando fora da sessão (CIVITARESE, 2008).

Steve é um jovem adulto recém-formado e experimenta bons resultados em sua profissão. Procurou a análise pela dificuldade de tolerar a angústia de lidar com seus impulsos autodestrutivos que se manifestavam em um comportamento sexual promíscuo que o levou a ter diferentes problemas. No decorrer da análise, pode acomodar-se num relacionamento erótico estável, aumentando a sua tolerância com o parceiro. Durante um breve período de férias do analista, Steve enviou uma mensagem perguntando se haveria sessão naquela semana, respondi que estava de férias e coloquei-me à disposição para um atendimento virtual. O analisando preferiu esperar o fim das férias. Na sessão de volta, narra a perda de um amigo por parada cardiorrespiratória e me chama a atenção a sua angústia ao imaginar como teriam sido agressivos os procedimentos médicos na tentativa de salvar o seu amigo. “Que horror! Eles devem ter quebrado as costelas

11 Evidentemente Platão e Aristóteles divergem sobre a origem do conhecimento (mundo das ideias para o primeiro e os sentidos para o segundo), porém o ponto aqui é o espanto provocado pela observação que leva ao pensamento e finalmente à teorização.

dele para reanimar o seu coração.” Pensei que ele precisava dirigir seu ódio a mim, por não termos tido a sessão quando estava em férias:

A - Tu, numa semana tão difícil, e o vadio do teu analista de férias.

P - Não queria te atrapalhar.

A - Para tentar salvar uma relação precisamos manifestar nossos sentimentos, mesmos os agressivos.

P - Tenho medo que tu não queiras mais me atender.

A - Já tiveste um João bobo?

P - Não, acho que não.

A - Agora, tens.

P - Um Júlio bobo.

O luto que Steve estava vivendo na sessão do trecho acima poderia parecer o grande ponto, já que as suas falas a esse respeito ocuparam a maior parte de suas falas e do tempo da sessão. No *buffet* de teorias, não faltavam explicações apetitosas para reduzir a minha angústia por perceber a ansiedade do analisando, que parecia ser devido à morte do amigo. Porém, jamais falara de tal amigo antes, e só no calor da sessão pude sentir que ele não era capaz de dirigir a sua agressividade a mim e que a origem de seu desconforto fora o meu afastamento nas férias. Muitas teorias tentam colocar-se, como colocam Chuster, Soares e Tachtenberg (2014), antes da experiência (conhecimento *a priori*), porém é apenas *a posteriori* que somos capazes de esboçar algumas generalizações as quais podemos chamar, se assim quisermos, de teoria. Colocar a teoria antes das observações, afastando-se do encontro, negando o próprio encontro e as emoções, tem um componente perverso. Corremos o risco de fazermos como as crianças que, ao negarem a diferença dos sexos, “[...] camuflam a contradição entre observação e prejulgamento [...]” (FREUD, 1923, p. 147, tradução nossa).

Além de evitar o *furor curandis*, deveríamos evitar também o ímpeto diagnóstico, que pode nos afastar da experiência emocional do encontro. Ceccarelli (2011, p. 145) brinda-nos com importantes reflexões a

respeito do caso de seu analisando João, em que pergunta “[...] a que serviria rotulá-lo?”. Ainda de acordo com o autor, essas classificações mudam com o passar do tempo e não oferecem respostas para compreender o sujeito e seu sofrimento. Mais nos vale estar em contato com o que emerge no campo e como as suas paixões aí se manifestam. A teoria vem depois, talvez mais como uma mitologia. Numa aula do prof. Clóvis de Barros Filho, ele afirmou que os gregos tinham a mitologia para poder dormir em paz, com certa segurança de que as estrelas não cairiam em suas cabeças. Talvez, as teorias sejam a mitologia dos psicanalistas para sonhar com certa segurança os seus analisandos.

## **6 DIMENSÃO TRÁGICA DO ENCONTRO: UM PENSAR SOBRE A PRÁTICA PSICANALÍTICA E A VERDADE NO MODELO ESTÉTICO**

*There  
is  
absolutely  
no  
inevitability  
as  
long  
as  
there  
is  
a  
willingness  
to  
contemplate  
what  
is  
happening<sup>12</sup>*

(Marshall McLuhan e Quentin Fiore)

12 Formato original do poema: “Não há absolutamente qualquer inevitabilidade enquanto haja uma vontade de contemplar o que está acontecendo” (tradução nossa).

*Um sentimento qualquer não pode atingir maturidade definitiva e precisão sem encontrar a sua expressão externa, sem fecundar palavras, ritmo, cores, isto é, sem tomar a forma de obra de arte.*  
(Mikhail Bakhtin)

*“As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou.”*

(Rainer Maria Rilke)

*“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul – que nem uma criança que você olha de ave.”*

(Manoel de Barros)

A história do conhecimento humano é a história da criação e da cristalização da ideia de verdade<sup>13</sup>. As compreensões numa sessão de psicanálise podem seguir essa longa tradição do pensamento ocidental, reafirmando-as e atualizando-as, pois

[...] quando secretamos uma ideia ou quando produzimos uma teoria, parece que, ao mesmo tempo, estabelecemos material calcário, tornamo-nos calcificados, a ideia se torna calcificada e então uma tem-se uma outra impressionante cesura da qual não se consegue sair (BION, 2017, p. 24).

Se a construção do pensamento psicanalítico deve (ou deveria) ser feita a partir das experiências emocionais surgidas nos encontros entre psicanalistas e analisandos, talvez seja útil nos perguntarmos por que

<sup>13</sup> Esta compreensão não é original minha, mas foi construída num grupo de estudos sobre possíveis aproximações entre Nietzsche e Bion com o psicanalista Júlio Walz, no Instituto Bion.

alguém procura esse tipo de terapia. Nos conteúdos manifestos, a luta para sair de um relacionamento abusivo, superar um amor perdido, encontrar o sono perdido, recuperar a capacidade de amar, poder sair de casa ou voltar para ela. Uma possível compreensão é que sua busca está por “[...] sonhar sonhos não sonhados e sonhos interrompidos [...]” (OGDEN, 2018, p. 7). Ainda que haja distintas razões para cada pessoa não poder sonhar certos sonhos ou tê-los interrompidos, tendo a pensar essas limitações como calcificações nas mentes, que só produzem pensamentos cristalizados, disfarçados sob o véu de verdades absolutas (“sou assim mesmo”, “não vejo saída”), ou pelo menos sob a crença de que haja alguma verdade última (“me diz o que tenho de fazer”, “qual é o meu diagnóstico?”). “Não é a dúvida, é a **certeza** que enlouquece...” (NIETZSCHE, 2003, p. 55). Afinal, não é a incerteza que nos permite sonhar?

A prática psicanalítica, portanto, como um desdobramento da ideia de que esteja no campo do ceticismo epistemológico, passa a ser guiada não por uma busca da verdade pura e cristalina, mas, antes, por um mergulho em sua fluidez, para que “[...] o germe de uma ideia, ou ao germe de uma interpretação [tenha] uma chance de se desenvolver.” (BION, 2017, p. 26). Isso por conta de uma construção de verdade diferente daquele rígido conceito filosófico que fez o homem se crer superior aos animais por ser possuidor da linguagem (NIETZSCHE, 2005), de uma concepção de verdade interna, sobre os sentimentos e emoções, estas, sim, definidoras do humano – “Más veces he visto un gato razonar que no reir o llorar.” (UNAMUNO, 1983, p. 59, grifo nosso). A proposta de fazer dialogar filosofia e psicanálise tem aqui o duplo objetivo de, por um lado compreender as relações entre as ideias no pensamento psicanalítico, e, por outro, procurar as relações com a prática da psicanálise. O problema a ser evitado, portanto, é colocar as respostas antes das perguntas, através de teorias ortodoxas.

Tecnicamente, certo dogmatismo pode disfarçar-se sob um método socrático de perguntas (ou interpretações) que conduzem o ana-

lisando a chegar ao saber dominado por tal ou qual teoria. Praticar a psicanálise a partir de pressupostos céticos conduz necessariamente o analista a uma postura de não-saber, de tal sorte que as suas intervenções não servem para uma transmissão de conhecimento ou para promover os conteúdos inconscientes ao consciente. Antes, a postura será a de se afastar daquela do sábio e intervir como um ignorante que ignora o profundo mistério do outro e só assim “[...] tudo perguntar, e somente suas questões serão, para o viajante do país dos signos, questões verdadeiras, a exigir o exercício autônomo de sua inteligência.” (RANCIÈRE, 2020, p. 52-53). Em suma, um coaprendizado da dupla analítica a pensar - “E só se aprende a pensar esperando o *inesperado*, o *desconhecido*, o *surpreendente*.” (CHUSTER; SOARES; TACHTENBERG, 2014, p. 38, grifos dos autores) Do contrário, o que há é um embrutecimento da mente do paciente, que passaria a ser subordinada à “inteligência” do analista. Assim como “Pode-se ensinar o que se ignora [...]” (RANCIÈRE, 2020, p. 34), pode-se ajudar na emancipação do outro através da análise, tendo-se como condição mais fundamental a análise pessoal do analista. Essa compreensão tomada por empréstimo da pedagogia tem grandes limites, mas nos ajuda a pensar a prática psicanalítica embarcando nesse “[...] sistema educacional estranho e desconhecido” (BION, 2019, p. 127).

Partamos sempre do encontro psicanalítico, no qual se abre um abismo, uma cesura, que duas mentes podem tentar preencher de maneira ilusória pela verdade ou pela teoria; ou de maneira original pela imaginação. A ilusão da teoria é a da continuidade entre os eventos da sessão e da vida, dissolvendo o que cada acontecimento tem de único e agudo. Mesmo que estivéssemos dispostos a reduzir os eventos de uma sessão analítica às enunciações proferidas, cada enunciado é uma coisa que não existia antes e não existirá após a sua realização (DUCROT, 1987). Sendo a experiência do encontro caótica, formada por eventos discretos, é natural que se tente buscar certa ordem a fim de torná-los digeríveis, pensáveis. É preciso destacar que não é a razão que cria tais

condições, nem a busca pela verdade, tampouco a ilusão da cura<sup>14</sup>, são “[...] as emoções que de fato organizam esteticamente os primeiros elementos da experiência.” (CIVITARESE, 2008, p. 89, tradução nossa)

Justamente o que promove no bebê a situação de conflito é a sua entrada no mundo da beleza, por intermédio do “[...] encontro inicial, mítico, com o peito da mãe [...]” (UNGAR, 2000, p. 162). Essa beleza ante a qual o bebê é capaz de responder, segundo Meltzer (1986), está na origem da curiosidade e da inveja. Desse espanto diante da beleza (*thaûma*), nasce uma experiência emocional, entendida como um encontro que desperta um conflito. Eis o ponto de apoio do modelo estético, que propõe, para dar conta disso, a concepção de uma nova ideia de verdade (UNGAR, 2000) com três aspectos:

- a) **a verdade é o alimento para a mente:** aqui podemos voltar ao antigo sofista Górgias, pensando numa ideia de verdade que vai para além dos fatos, com a palavra ganhando uma total independência (REALE, 1990). Para a psicanálise, talvez possamos dizer de uma independência da história factual, mas com *status* de ponte entre realidade interna e externa, ou como unificadora, de tal sorte que a palavra para ser a realidade psíquica deve vir de uma experiência emocional.
- b) **a verdade é misteriosa:** daí decorre que é preciso sustentar os enigmas, sem ansiar por oferecer respostas. Contemplando o mistério que se esconde no outro e em si próprio, tolerando os limites que o conhecimento tem para dar conta das experiências emocionais, usando da criatividade e da imaginação, num ato de fé (não teológica) no método psicanalítico, dependente da “[...] capacidade de esquecer, a habilidade em evitar desejo e compreensão [...]” (BION, 1991, p. 58), um componente essencial do procedimento científico (BION, 1991).

14 A única cura possível para a vida é a morte, se tomarmos cura no sentido de total extirpação da patologia. Viver é viver as emoções (*pathos*), não as aniquilar.



c) **o amor à verdade**<sup>15</sup> é ligado à capacidade de apreciar a beleza: a curiosidade, como já vimos, nasce deste *thaûma* diante da beleza, que é gerador da curiosidade e, conseqüentemente, da capacidade de aprender. Busca-se, então, um estado mental contrário daquele onde a emoção é odiada (BION, 1994b), mas vivida intensa e calorosamente no campo transferencial.

Com essa ideia de verdade, a prática psicanalítica ganha contornos diferentes, quem sabe, certa musicalidade. Observamos a música como instrumento de condução de comportamento das massas, tocando em suas partes mais primitivas, que pode ser explicada por uma regressão ao *motherese*<sup>16</sup> (BALL, 2011), estabelecimento dos primeiros vínculos com a mãe (o impacto de sua beleza), que inicia a traduzir as emoções da criança (*reverie*), mas também cria pontes com o mundo externo, um mundo compartilhado com a comunidade. Talvez a hipótese da *musiclanguage*<sup>17</sup>, em associação com a ideia de que a música une as pessoas, permita-nos pensar que este seja o principal uso da linguagem: estar junto, compartilhar experiências emocionais. Nesse sentido, o papel da sala de análise seria o de criar uma linguagem mais próxima possível da linguagem privada, permitindo que a dupla possa construir uma espécie de index de codificação/decodificação com a linguagem comum, a fim de sustentar uma posição subjetiva possível em relação à completude de massa narcísica, abrindo, em última análise, uma maior possibilidade de pensamentos e de escolhas por parte do analisando através da dupla psicanalítica. Uma linguagem construída, admitindo que “A experiência de o analista vir a conhecer o paciente é única a cada encontro [...] [e] moldada pelos modos particulares que o analista tem de perceber e organizar sua experiência do que está acontecendo [...]” (OGDEN, 2018, p. 25). Para isso, é

15 Conduzindo-nos à própria palavra filosofia (amor pela sabedoria), como incentivadora não pela busca de uma verdade rígida, mas mais um estímulo à curiosidade

16 A linguagem da mãe com o seu bebê.

17 Hipótese de que a primeira língua seria apenas musical, sem palavras.

preciso o desenvolvimento, no campo de uma “[...] função poética da personalidade.” (CONTE, 2019, p. 13)

Por função poética da personalidade, compreendo uma construção que admite lacunas e traz a incerteza, a ambiguidade e a multiplicidade de sentidos em cada verso (ou intervenção). Cada enunciado do analista e o seu saber “[...] será sempre superado pelo que o paciente transfere, não existe conhecimento total ou completo [...]” (UNGAR, 2015, p. 28-29). O analista não se posiciona a partir de seu conhecido, mas permite que as imagens visuais que lhe ocorram possam ser pensadas, formuladas e colocadas em palavras com toda a incerteza que carregam, para assim “[...] formular uma teoria, um tratamento.” (BION, 2019, p. 128), do qual emergem falas por parte do analista “[...] de um modo que o que ele diz e o modo como o diz não poderia ser dito por nenhum outro analista para nenhum outro paciente.” (OGDEN, 2018, p. 27). Só assim, o analisando tem “uma chance de fazer uma comparação com o que realmente está ocorrendo” (BION, 2019, p. 126), abrindo a possibilidade de se criar a arte de uma vida a ser vivida com todo o colorido das emoções.

## **7 EMERGINDO DA TEORIA COMO UM PRELÚDIO À VIDA: À GUIA DE UMA POSSÍVEL CONCLUSÃO**

*“La vraie philosophie se moque de la philosophie.”<sup>18</sup>*  
(Pascal)

*“[...] desejo que encontre bastante paciência em si para suportar e bastante simplicidade para crer; que confie cada vez mais no que é difícil, entre outras coisas na sua solidão. No restante, deixa a vida acontecer. Acredite-me: a vida tem razão em todos os casos.”*

(Rainer Maria Rilke)

<sup>18</sup> “Verdadeira filosofia tira sarro da filosofia.” (Tradução nossa).

*“É preferível que nossa própria doutrina venha de nosso próprio brasileiro!”*

(Friedrich Nietzsche)

A teoria precisa surgir a partir da prática para que seja psicanalítica, através do pensamento que elabora as experiências emocionais, especialmente a partir das frustrações, numa tentativa mais de modificá-las que de fugir delas (BION, 1994a). No entanto, é preciso reemergir da teoria e do pensar para voltar ao mundo da vida, infinitamente limitado e limitadamente apreensível. Usar a palavra falada na “*ars psicanalítica*” ou a escrita na “*scientia psicanalítica*” deve ser sempre acompanhada da ideia que “No ato da palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa.” (RANCIÈRE, 2020, p. 96). As palavras do analista, que não é poeta, podem aproximar-se da postura do próprio poeta que “[...] gosta de reduzir a distância entre o que lhe é singular e a essência humana em geral [...]” (FREUD, 1908, p. 53), desenvolvendo um gosto peculiar pela incerteza, pelo não saber e pela disformidade. Saímos do texto, como saímos de cada sessão, de cada experiência emocional...

*“a riveder le stelle.”<sup>19</sup>*

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BAKHTIN, M. **O freudismo**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BALL, P. **The music instinct: how music works and why we can't do without it**. Londres: Vintage, 2011.

<sup>19</sup> “a rever as estrelas” (tradução nossa) Inferno, Canto XXXIV, verso 139.

BION, W. Ataques à ligação. *In*: BION, W. **Estudos psicanalíticos revisados**. Tradução Wellington M. de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1994b. p. 109-126.

BION, W. Capacidade negativa (negative capability). *In*: CHUSTER, A.; STÜMER, A. (org.). **Capacidade negativa**: um caminho em busca da luz. São Paulo: Zagodoni, 2019. p. 125-135.

BION, W. Evidence. *In*: BION, W. **The Complete Works of W. R. Bion**. Londres: Karnac Books, 2014. v. 10. p. 128-135.

BION, W. Opacidade de memória e desejo. *In*: BION, W. **Atenção e interpretação**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 46-60.

BION, W. Seminário 1, 8 de julho de 1977. *In*: BION, W. **Seminários italianos**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 11-29.

BION, W. Uma teoria sobre o pensar. *In*: BION, W. **Estudos psicanalíticos revisados**. Tradução Wellington M. de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1994a. p. 127-138.

CECCARELLI, P. R. As possíveis leituras da perversão. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 36, p. 135-148, dez. 2011.

CHUSTER, A.; SOARES, G.; TACHTENBERG, R. **W. R. Bion**: a obra complexa. Porto Alegre: Sulina, 2014.

CIVITARESE, G. 'Caesura' as Bion's discourse on method. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v. 89, p. 1123-1143, 2008.

CONTE, J. **Beckett/Bion**: a criação do futuro. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2019.

DESCARTES, R. **Meditações de filosofia primeira**. Tradução Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, 2004.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FELDMAN, R. **Epistemology**. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

FERRO, A. Bion: rilievi teorici e clinici. *In*: FERRO, A. **Evitare le emozioni, vivere le emozioni**. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2007. p. 49-57

FREUD, S. (1897). Carta 69. *In*: FREUD, S. **Obras completas**: volumen 1 (1886-1899): publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos em vida de Freud. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. p. 301-302.

FREUD, S. (1923). La organización genital infantil (una interpolación en la teoría de la sexualidad). *In*: FREUD, S. **Obras completas**: volumen 19 (1923-1925): el yo y el ello y otras obras. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2008. p. 141-150.

FREUD, S. (1926). Inhibición, síntoma y angustia. *In*: FREUD, S. **Obras completas**: volumen 23 (1937-1939): Moisés y la religión monoteísta, esquema del psicoanálisis y otras obras. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2008. p. 211-254.

FREUD, S. (1933 [1932]). 35a Conferencia. En torno de una cosmovisión. *In*: FREUD, S. **Obras completas**: volumen 22: nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 146-168.

FREUD, S. (1937). Análisis terminable y interminable. *In*: FREUD, S. **Obras completas**: volumen 20 (1925-1926): presentación autobiográfica Inhibición, síntoma y angustia, pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2008. p. 71-164.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução Lucimar A. Coghi Anselmi, Fulvio Lubisco. São Paulo: Ícone, 2007.

LOPES-CORVO, R. E. **The Dictionary of the Work of W. R. Bion**. Londres: Karmac Books, 2003.

MELTZER, D. Que és una experiencia emocional? *In*: MELTZER, D. **Metapsicología ampliada**: aplicaciones de las ideas de Bion. Buenos Aires: Patia Editorial, 1986. p. 16-30.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

OGDEN, T. H. **Esta arte a psicanálise**: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2018.

PLATÃO. Simposio. Tradução de Gino Giargini. In: PLATONE: tutte le opere. Roma: Newton Compoton, 2009a. p. 831-908.

PLATÃO. Teeteto. Tradução de Gino Giargini. In: PLATONE: tutte le opere. Roma: Newton Compoton, 2009b. p. 323-448.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lílian do Valle. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

REALE, G. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

SARTRE, J-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução Paulo Perdigão. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

UNAMUNO, M de. **Del sentimiento trágico de la vida**. Madrid: Akal, 1983.

UNGAR, V. O ofício de analista e sua caixa de ferramentas: a interpretação revista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 15-32, 2015.

UNGAR, V. Transferência e modelo estético. **Psicanálise**: Revista da SBPdePA, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 155-177, 2000.